



Biograph



NARRATIVAS SOBRE AS INFÂNCIAS RURAIS E AS APRENDIZAGENS EXPERIENCIAIS EM CLASSES MULTISSERIADAS NO TERRITÓRIO DO SISAL

Patrícia Júlia Souza Coêlho.

UNEB: PPGEduc e DEDC- Campus XI

pjs.coelho@hotmail.com

Para começo de conversa

Para iniciar a reflexão sobre infâncias me reporto aos estudos de Philippe Ariès, em sua obra, *História Social da Criança e da Família* (1981), realizados no período do Mestrado em Educação e Contemporaneidade, no âmbito da pesquisa *Trajetórias e Narrativas de professoras de Educação Infantil do meio rural de Itaberaba – BA: formação e práticas educativas* (COELHO, 2010).

Considerando os estudos do referido autor, na Idade Média não havia inicialmente nenhuma representação iconográfica da criança, pois a infância era desconhecida. Segundo Zabalza (1998), a criança nessa época histórica era considerada um mistério, alimentada pela crença fetichista de que nela se escondia uma natureza sagrada, sendo assim, não podia ser profanada pelo ser humano. Essa visão sobre a infância levou o ser humano a não questionar sobre a particularidade infantil neste período, por temer em conhecer um ser considerado divino.

Outra concepção de infância, também foi vigente na Idade Média, foi a de criança-adulta, na qual a criança era representada como um adulto em miniatura. A representação iconográfica da criança, a partir das características de um adulto, para Ariès (1981), revelava que as pessoas não se detinham diante da imagem da infância. Nesta época histórica, não havia consciência da particularidade infantil que estabelecesse distinção entre

a criança e o adulto. As crianças eram inseridas ao mundo dos adultos, reduzindo, dessa forma, o tempo de duração da sua infância.

Considerando a obra de Philippe Ariès supracitada, Kuhlmann Jr explica que:

Ariès identifica a ausência de um sentimento de infância até o fim do século XVII, quando teria se iniciado uma mudança considerável. Por um outro lado, a escola substitui a aprendizagem como meio de educação; a criança deixou de ser misturada aos adultos e de viver a vida diretamente, passando a viver uma espécie de quarentena na escola. Por outro lado esta separação ocorreu com cumplicidade sentimental da família, que passou a se tornar lugar de afeição necessária entre cônjuges e entre pais. Esse sentimento teria se desenvolvido inicialmente nas camadas superiores da sociedade: o sentimento da infância iria do nobre para o pobre (1998, p. 18-19).

Ariès (1981), em seus estudos, explica o sentimento de paparicação, na qual a criança passa a ser considerada como um passatempo, uma forma de entretenimento, de divertimento e relaxamento para o adulto, por sua ingenuidade, gentileza e graça. De acordo com o autor, o sentimento de paparicação estava limitado às primeiras idades da infância. A partir da consciência da inocência e da fraqueza da criança, o adulto passa a se sentir no dever de buscar alternativas para preservar a primeira infância.

Bujes (2001) explica que a origem das instituições de Educação Infantil esteve, de certa maneira, vinculada ao surgimento da escola e do pensamento moderno, que pode ser situado historicamente entre os séculos XVI e XVII. Algumas ideias referentes à Educação Infantil estavam relacionadas à perspectiva de preservar a inocência das crianças, afastando-as da má influência da sociedade.

Com a concepção de que as crianças eram frágeis criaturas de Deus, surge, então, a necessidade de preservá-las e discipliná-las simultaneamente, sendo assim, a família passa a acreditar que as crianças só atingiriam a completude idealizada pela sociedade através da educação integral oferecida nas instituições educativas, onde elas seriam submetidas a uma série de disciplina cada vez mais rigorosa e efetiva. Assim, Sodré (2002, p. 67) analisa que “as crianças passaram a ser educadas muito mais para a submissão do que para a formação de pessoas questionadoras, criativas e empreendedoras”.

Essa breve abordagem histórica revela que não existe uma única concepção de infância, mas concepções. Nesse sentido a compreensão da infância na contemporaneidade perpassa pela concepção defendida por Lima Jr (2015, p.4) de que a Realidade ou aspectos da Realidade são “inerentemente contextuais, singulares e relativos”.

Sendo assim, compreender a infância na contemporaneidade, significa pensar em fundamentos teórico-metodológicos pautados na visão de que o sujeito é capaz de se reinventar constantemente, em uma dinâmica relação com o contexto histórico, social, cultural e subjetivo, como bem explica Lima Jr (2015, p.5)

Como processo, Contemporaneidade não se reduz a identidade conceitual/formal/lógica, no sentido de exterioridade ideal a ser encontrada pelo sujeito e passível de uma captura simétrica de sua essência pelo primado cognitivo da consciência. Mas como historicidade de uma temporalidade gestada do dinamismo de suas relações constitutivas, inscreve-se como diferentes expressões e intensidades acontecimentais ao longo das relações contextuais, localizadas no tempo-espço da condição humana, mesmo tempo social, cultural, material, espiritual e, sobretudo, subjetiva. As diferentes manifestações históricas da Contemporaneidade não esgotam o seu sentido e seu significado, mas atuam-na/operam-na de forma inacabada e aberta, como devir.

Dessa forma, conceber a infância na contemporaneidade significa romper com os cânones da modernidade, que busca a generalização dos conceitos, que no caso específico da infância, se configurou/configura como algo natural e abstrato. Para tanto, torna-se necessário nos cursos de formação de professores de Educação Infantil discutir, de forma crítica, contextualizada e teoricamente fundamentada, sobre as diferentes concepções constituídas na história da humanidade, em nossa sociedade ocidental, considerando também, no bojo desse processo, as histórias de vida dos sujeitos envolvidos.

Em consonância com essa ideia, o componente curricular, Pesquisa e Estágio II: Educação Infantil, oferecido no curso de Pedagogia, em uma universidade pública do interior da Bahia, promoveu reflexões sobre as infâncias, considerando como ponto de partida as próprias histórias das infâncias vividas e narradas pelas estudantes, participantes dessa proposta de trabalho. Nesta dinâmica formativa, buscou-se reconhecer as diferentes concepções de infâncias e problematizar as perspectivas educativas que desconsideram o contexto sociocultural em que as crianças estão inseridas.

Infâncias e Educação Infantil no contexto das escolas rurais

O presente trabalho emergiu das ações desenvolvidas no âmbito do componente curricular Pesquisa e Estágio II - Educação Infantil, tomando como contextos de atuação das estudantes, no processo de estágio, as creches e as pré-escolas localizadas nos municípios de Serrinha, Teofilândia, Conceição do Coité e Araci, que integram o Território do Sisal – BA.

As narrativas apresentadas no período inicial de estágio, concernentes à etapa de planejamento, revelaram concepções de infâncias respaldadas nos modelos constituídos na modernidade. Nesse sentido, a infância foi apresentada pelas estudantes como etapa antagônica a do adulto e as crianças como pessoas que precisam ser educadas para atender as demandas sociais e futuramente se tornarem “cidadãs do futuro”.

Essas narrativas revelaram a necessidade de ampliar as discussões referentes às diferentes concepções de infâncias, a fim de problematizar perspectivas referenciadas nos paradigmas modernos, que ainda fundamentavam as falas das estudantes sobre a categoria infâncias.

Além dos textos que foram utilizados, a partir desse diagnóstico, também foram consideradas, no cerne dessas discussões sobre infâncias, as histórias de vida das estudantes, tomando como eixo de análise as infâncias vividas, narradas pelas participantes desse trabalho de investigação-formação.

As narrativas apresentadas pelas 15 estudantes envolvidas nesse processo revelaram que 11 estudantes eram oriundas do meio rural e que tiveram experiências escolares em instituições rurais multisseriadas, localizadas no referido território. As lembranças narradas nas rodas de conversa sobre as aprendizagens experienciais na infância explicitaram que as escolas multisseriadas promoveram aprendizagens significativas concernentes leitura e escrita, como também promoveram relevantes situações que favoreceram o processo de formação pessoal e social dessas estudantes.

A realidade da educação rural, que marca as histórias de vida e de escolarização dos/as estudantes dessa universidade pública, com 24 campus lotados no interior da Bahia, suscita uma discussão sobre a formação docente, especificamente, no curso de Pedagogia, que em sua proposta curricular carece de discussões mais articuladas à educação das crianças, dos jovens e dos adultos que vivem em diferentes localidades rurais, tendo como respaldo o contexto sociocultural desses sujeitos.

Considerando que historicamente os contextos rurais, em especial, a educação oferecida às populações que vivem nessas localidades, estiveram na condição de invisibilidade nas pautas das políticas públicas, problematizar o modelo educacional estruturado segundo os cânones urbanos torna-se algo nevrálgico na formação de professores/as, que têm como campo de atuação também escolas localizadas no meio rural. Nesse processo formativo questões referentes à educação do campo precisam ganhar maior visibilidade, a fim de que nos processos educacionais desenvolvidos nas escolas rurais multisseriadas considerem “[...] as experiências, necessidades e anseios das populações rurais [...]” (SOUZA, 2012, p.18).

A educação, em diferentes contextos rurais, no decorrer da história, é marcada pela precariedade e descaso, em decorrência da falta de investimento de políticas públicas para a educação de crianças, jovens e adultos, pertencentes a essas localidades. Nas propostas educacionais, presentes na maioria das escolas rurais, ocorrem uma desarticulação entre o que se produz no cotidiano dessas instituições e a realidade vivenciada por esses sujeitos. Sobre essa questão, afirma Souza:

[...] que as áreas rurais, por força dos complexos processos de urbanização, foram historicamente banidas das pautas e agendas de discussão para a definição de políticas que atendam as especificidades que são inerentes a essa população e, quando tal acontece, a educação oferecida é de fato transplantada da lógica urbana para o meio rural. (2012, p. 18)

Este cenário que caracteriza a educação rural nos territórios brasileiros, ao longo da história da educação, revela um quadro de invisibilidade dos sujeitos que vivem nessas localidades, nas práticas pedagógicas propostas por essas instituições, nas condições de trabalho docente, bem como em ações muitas vezes assistencialistas e compensatórias, desconsiderando-se os sujeitos, seus contextos e suas práticas cotidianas. Faz-se necessário considerar princípios do “dinamismo local” (SOUZA, 2012, p.18), em detrimento da perspectiva urbanocêntrica, ainda presente na educação oferecida às populações rurais, que representa avanços para atender as necessidades e especificidades dos/as estudantes de escolas rurais. Assim, Souza ressalta que:

A lógica da simples transferência do modelo de escola da cidade para o campo já mostrou seu esgotamento, tornando inadiável o desenvolvimento de abordagens inovadoras, que considerem as especificidades dos territórios rurais e que busquem se adequar às

experiências, necessidades e anseios das populações rurais. (2012, p. 18)

Dessa forma, as dinâmicas produzidas pelas crianças, jovens e adultos que frequentam escolas rurais precisam ser consideradas nos cursos de formação de professores e nas práticas pedagógicas propostas nas instituições do Ensino Superior e da Educação Básica, a fim de que a educação possa, de fato, promover ações educativas que dialoguem com a heterogeneidade e a diversidade apresentadas no cotidiano do contexto escolar rural e, assim, possibilitar significativos avanços para a educação dos sujeitos que vivem em territórios rurais, na perspectiva da alteridade.

Considerando o trabalho, ora apresentado, as práticas pedagógicas empreendidas no cotidiano das escolas rurais de Educação Infantil precisam estar respaldadas em uma concepção de que os sujeitos que estão inseridos em localidades rurais possuem saberes constituídos em sua trajetória de vida, nas relações com seus pares, em diferentes contextos: familiar, comunitário e escolar. Esse modo de conceber os sujeitos rurais possibilitará uma formação docente que possibilite um olhar sensível ao contexto sociocultural em que esses sujeitos estão inseridos, que de forma articulada aos conhecimentos construídos pela humanidade, poderão direcionar ações educativas mais significativas, ampliando, assim, o repertório de aprendizagens experienciais dos meninos e meninas que vivem nas diversas ruralidades, como bem apontam Silva, Silva e Martin (2012) em suas pesquisas:

Já se afirmou que as infâncias do campo são múltiplas porque também são múltiplos os campos em que elas vivem e que as constituem. Já se afirmou que as infâncias do campo são múltiplas porque também são múltiplos que compõem o rural brasileiro (Silva, Pasuch; Silva, 2012) Crianças acampada da reforma agrária, quilombolas, ribeirinhas, caiçaras, de comunidade de fundo de pasto, pantaneiras, crianças da floresta, por exemplo, vivem

relações sociais e com o ambiente construído e natural de formas diferenciadas, compondo, assim, possibilidades que, se olhadas de perto, recortam e estruturam sentidos particulares de existência, de possibilidade de ação no mundo, de constituição e de expressividade de si, por meio de diferentes linguagens (SILVA, SILVA, MARTINS, 2012, p.16).

Por esse motivo, as discussões empreendidas, durante o processo formativo no componente curricular: Pesquisa e Estágio II - Educação Infantil buscaram promover reflexões vinculadas às diferentes infâncias, tomando como referências as diversas ruralidades e a Educação Infantil das classes multisseriadas. O grande desafio desse trabalho foi avançar nas discussões teórico-metodológicas sobre a educação infantil rural, em classes multisseriadas, pois outras demandas concernentes à educação infantil também eram necessárias no processo formativo das estudantes para a realização do estágio, que, em sua maioria, foi desenvolvido em creches e pré-escolas particulares e públicas localizadas nos municípios sedes citados anteriormente.

Vale ressaltar, porém, o desejo de algumas estudantes em realizar o estágio em instituições rurais, mas pela falta de condições das visitas de campo, tendo em vista que o Departamento de Educação, Campus XI, lotado em Serrinha, não possuía transporte suficiente para tal finalidade, essa expectativa não pôde ser atendida, remetendo, então, a necessidade de uma discussão com a comissão local e central de estágio sobre as condições adequadas para a realização dessa atividade acadêmica obrigatória também em localidades rurais.

A necessidade de reconhecer a importância da realização do estágio em escolas rurais multisseriadas se justifica pelo grande número de classes multisseriadas ainda existente no Brasil, especificamente na Bahia, o estado com o maior número de classes multisseriadas do país, como mostra a pesquisa de Moura e Santos, quando afirmam que:

Dados do Censo escolar de 2007 apontam a existência de 93.884 classes multisseriadas no Brasil, das quais 16.549, o equivalente a 17,62%, localizam-se na Bahia. Não obstante esta presença marcante no cenário educacional brasileiro, as classes multisseriadas padecem do “abandono”, do silenciamento e do preconceito. (2012, p. 265)

Esses dados revelam que, apesar de todas as dificuldades enfrentadas pelas escolas multisseriadas, como o transporte inadequado para as crianças e adolescentes à escola, a infraestrutura das instituições, a formação dos professores, tendo em vista a especificidade para atuar em escolas rurais multisseriadas, o currículo fundamentado na perspectiva urbanocêntrica, esses espaços educativos persistem em existir, resistindo a todo o descaso e preconceito ainda presentes em nossa sociedade, referentes a esse modelo educacional. Dessa forma, as escolas multisseriadas têm apresentado um importante compromisso de possibilitar o acesso dos sujeitos pertencentes às populações rurais ao processo educacional formal. Nessa direção, Hage (2005, p. 4) explica que as classes multisseriadas “[...] têm assumido a responsabilidade quanto à iniciação escolar da grande maioria dos sujeitos do campo [...]”.

Sendo assim, esse contexto precisa ser considerado no curso de formação de professores/as oferecidos nas universidades, em especial na Universidade do Estado da Bahia, pois essa instituição está inserida em diferentes municípios do interior da Bahia, que recebe muitos estudantes que carregam em suas trajetórias de vida-formação aprendizagens experienciais adquiridas nas diferentes ruralidades existentes e, em especial, nas escolas rurais multisseriadas.

A defesa posta nesse trabalho é de que as escolas multisseriadas se configuram como importantes espaços educativos, por conta disso, as discussões concernentes às questões inerentes a essa modalidade de educação precisam ser mais potencializadas nos cursos de licenciaturas, responsáveis pela formação de professores da Educação Básica.

Reflexões sobre as infâncias rurais na formação docente

Considerando a importância da perspectiva investigativa no estágio, este trabalho foi proposto no componente curricular Pesquisa e Estágio II– Educação Infantil, envolvendo 15 estudantes do curso Pedagogia, do Departamento de Educação, Campus XI, da UNEB. A presente proposta intencionou discutir questões emergentes sobre as infâncias e a Educação Infantil, de maneira articulada ao contexto apresentado pelas creches e pré-escolas localizadas em alguns municípios que integram o Território do Sisal: Serrinha, Teofilândia, Conceição do Coité e Araci.

Através do estudo sistemático sobre as diferentes concepções de infâncias e as políticas públicas para a Educação Infantil, foi possível planejar ações pedagógicas para o desenvolvimento do estágio, vinculadas as demandas apresentadas pelas escolas parceiras e inserir, também, nas discussões empreendidas nas rodas de conversas, questões relacionadas à educação infantil rural, referenciadas nas próprias histórias de vida-formação das estudantes participantes desse processo.

As discussões suscitadas sobre a educação infantil do meio rural, em especial, a materializada nas escolas multisseriadas, emergiram a partir das narrativas de estudantes egressas dessas escolas, localizadas nas seguintes comunidades rurais: Mombaca (Serrinha) Rocinha (Teofilândia); Maria Preta (Teofilândia) Quererá (Tucano); Caldeirão (Araci), localizadas no Território do Sisal.

Esta proposição converge as ideias que subsidiam a abordagem (auto)biográfica no processo de investigação-formação. Esta proposição formativa emerge da necessidade de viabilizar um processo de formação que valorize as trajetórias de vida dos sujeitos envolvidos, os seus saberes e anseios, tendo em vista os contextos formativos e de atuação profissional.

Diante desta proposta de estágio, no componente curricular Pesquisa e Estágio II - Educação Infantil, as estudantes de Pedagogia tiveram a oportunidade de problematizar a realidade educacional apresentada nas instituições de Educação Infantil, concernente ao processo de aprendizagem das crianças, buscando considerar nas análises empreendidas,

através das leituras realizadas no decorrer do trabalho e dos dados coletados na pesquisa de campo, o contexto sociocultural em que estes sujeitos estão inseridos.

Considerando as narrativas das licenciandas em Pedagogia, apresentadas nas rodas de conversas e nos relatos escritos sobre o estágio, tendo como referências os dois principais eixos de análises: infâncias e práticas pedagógicas para Educação Infantil, alguns questionamentos foram suscitados, a fim de promover algumas provocações sobre as diferentes concepções de infâncias, e, ampliar, assim, os conhecimentos sobre a primeira etapa da Educação Básica, em que estas estudantes atuarão/atuam como docentes:

O que é infância?

De que infância nós estamos falando?

Existem infância ou infâncias?

Mas o que é infância na perspectiva da criança?

O que é ser criança para a criança?

O que elas esperam das escolas que estudam?

Quais as aprendizagens experienciais adquiridas no espaço institucional da Educação Infantil?

Este trabalho de investigação-formação, que buscou inspiração na abordagem (auto)biográfica, recolheu importantes narrativas sobre as infâncias das participantes, que falaram das experiências vivenciadas quando crianças, nos contextos familiar e escolar.

Recordando a minha infância e as experiências vividas nesse período, percebo a importância da criança viver essa fase com liberdade, ter o direito de ser criança, coisa que hoje em dia uma boa parte não tem vivido, seja por conta da violência, ou por outros motivos, as crianças passam uma parte do seu dia na sala de aula, ou defronte a uma televisão, o que torna o papel do professor, da

Educação Infantil, cada dia mais complexo e desafiador [...] (Excerto da narrativa escrita da estudante MD,¹ 2015).

A minha infância foi regada de carinho e atenção dos meus pais. Onde qualquer avanço na escola ou na persona positivamente era visto como comemoração, e eu gostava de ser parabenizada e elogiada, principalmente por eles. E todo esse afeto e entendimento proveniente de minha família veio a contribuir muito para a minha formação enquanto pessoa. (Excerto da narrativa escrita da estudante N, 2015).

Considerando essas narrativas, ficam notórias as concepções idealizadas de infância, constituídas na modernidade, pautada nos princípios vinculados ao sentimento de paparicação e socialização. Nessa direção, Coêlho (2010, p. 85) analisa que

A imagem da criança, construída socialmente e centrada na perspectiva do adulto, sustenta as ideologias vigentes, tendo em vista o modelo de homem e de mundo que o grupo hegemônico deseja que se tenha na sociedade, como também ofusca as reais condições sociais e culturais das crianças.

As discussões suscitadas, a partir das narrativas apresentadas, enfatizaram a importância de considerar a infância, tendo como referencial a classe social e a cultura em que se materializa a existência das crianças. A narrativa abaixo revela a perspectiva de infância mais coerente com a ideia de criança capaz não somente de se apropriar da cultura em que está inserida, mas também de transformá-la, através da relação estabelecida com os seus pares.

¹ As estudantes participantes dessa proposta foram identificadas no texto pelas letras iniciais dos nomes delas.

A infância pode ser classificada como o período que o ser humano vive desde seu nascimento até a puberdade, mas acredito que no decorrer desse período podemos analisar que é a fase mais importante que podemos passar. Isso se dá pelas descobertas que a criança vai fazendo no decorrer do seu dia-dia, na convivência com as pessoas, na construção de valores, na formação da sua personalidade entre outros. E convivendo com crianças pude perceber como eles gostam de interagir com os demais que estão ao seu redor, principalmente quando as escutamos e acreditamos em suas potencialidades. (Excerto da narrativa escrita da estudante M, 2015).

De acordo com Kramer (2003), a infância é geralmente compreendida como uma fase da vida que se opõe a vida do adulto pela falta de “maturidade” e de “adequada integração social”, conforme exemplifica a seguinte narrativa: “Acredito que a infância é uma fase da nossa vida, onde iremos nos formar como cidadãos, pois essa é uma fase mágica, onde a criança irá descobrir o mundo que lhe rodeia, formando suas crenças, saberes e personalidade.” (Excerto da narrativa escrita da estudante M, 2015)

Contudo, o conceito de infância não pode estar limitado ao fator idade, pois depende dos papéis exercidos pela criança em seu contexto sociocultural. A concepção de infância, problematizada por Kramer (2003), gerou, no trabalho desenvolvido, discussões concernentes à perspectiva abstrata e naturalizada de infância, ainda vigente nos discursos sobre esse conceito.

Segundo Kramer (2003), ao conceituar a infância, é necessário considerar a participação produtiva da criança, o tempo de escolarização dela, o processo de socialização no seu contexto familiar e comunitário e a sua realidade sócio-econômica. Nesse sentido, a infância não pode ser vista de maneira homogênea, já que as populações infantis também são vítimas dos processos desiguais de socialização. (COELHO, 2010, p. 85)

A concepção de criança numa visão universalizada, descontextualizada das condições existenciais, potencializa as desigualdades sociais existentes. Desse modo, para buscar possíveis soluções aos problemas sociais vivenciados por algumas crianças. Nesta perspectiva, Sodré (2002, p. 66) explica que:

[...] para que as crianças sejam vistas como cidadãs (e não como um projeto futuro) que exercem seus direitos e devem-se apropriar, bem como participar dos processos de produção da cultura desenvolvida historicamente pela humanidade, é preciso que se tenha clareza sobre o conceito de criança ou de infância construído ao longo da história. São tais concepções que favorecem, ou não, a construção da autonomia e a inserção crítica e participativa no meio social, tão necessárias aos indivíduos atuantes de que a sociedade precisa.

Dessa forma, a autora explica que a ideia de infância passa a ser considerada uma “concepção socialmente construída”, deixando de ser concebida como um “fato natural no processo de desenvolvimento”. Sendo assim, no processo de educação das crianças é de suma importância visibilizar as especificidades das crianças, no que tange o contexto sociocultural em que suas vivências são concretizadas, seja no meio familiar, comunitário e escolar.

As infâncias no meio rural, evocadas pelas estudantes, através das narrativas apresentadas, revelaram que, apesar das dificuldades encontradas nas classes multisseriadas, as aprendizagens experienciais adquiridas nesses espaços educativos tiveram maior relevância no processo de escolarização:

Falar da infância é falar de uma família de quatro irmãos, oriundos da zona rural, é remeter-me a um passado simples, porém

prazeroso, que fazia das brincadeiras uma grande diversão. Na simplicidade e na precariedade da escola, no sentido de estrutura física e materiais didáticos e pedagógicos e sem falar em uma sala multisseriada, fez perceber que o desenvolvimento infantil acontece neste ambiente, mesmo com suas fragilidades. (Excerto da narrativa escrita da estudante I, 2015).

Vivenciar a experiência de fazer parte de sala multisseriada de início passava despercebido para mim, eu enquanto aluna na zona rural, do município de Araci- Bahia, no povoado Caldeirão, em minha sala ao qual eu gostava tanto me parecia algo tão natural. Não me sentia mal por estar em uma sala com dois quadros e somente um professor, aquilo para mim era só a ideia de saber esperar meu momento de ser atendida por ele. (Excerto da narrativa escrita da estudante Q, 2015).

Sentávamos em fileiras e fazíamos atividades muitas vezes diferentes, mais nada afastávamos uns dos outros. O sinal tocava para o recreio e nos saíamos correndo juntos e misturados para pegar o lanche logo e aproveitar o máximo do nosso momento de brincar. (Excerto da narrativa escrita da estudante Q, 2015).

E assim dia após dia, vivíamos nosso momento de aprendizagem sem nem ligarmos para as diferenças de idade ou série entre nós. Isso era o que menos nos importava, e o nosso professor com seu jeito de ensinar, se dividia entre todos, mas se entregando por inteiro. (Excerto da narrativa escrita da estudante Q, 2015).

As narrativas supracitadas, que apresentam a especificidade do processo de escolarização em escolas multisseriadas, convergem com a ideia que através das experiências evocadas, é possível tecer reflexões sobre as aprendizagens experienciais, considerando, nessa dinâmica, as articulações existentes entre as dimensões pessoal e social. Nesta perspectiva, subsidiada na abordagem (auto)biográfica, foram suscitadas, durante a socialização das narrativas e análises dos processos de escolarização vivenciados em escolas rurais multisseriadas, questões concernentes às particularidades da educação infantil nessa modalidade educacional.

De acordo com Catani, Bueno e Sousa (2000) considerar as narrativas de escolarização:

[...] contribui para a proposição de novas modalidades de formação que estimulam disposições favoráveis ao conhecimento, ultrapassando formulações corretamente alimentadas pelos discursos dos professores, que muitas vezes vêm essas relações contaminadas por vagos atributos como o interesse ou desinteresse dos alunos. É, portanto, ao buscar depoimentos na literatura, nas autobiografias e nos relatos de formação intelectual de alunos e professores já atuantes, que se tenta entender a diversidade das relações instauradas com a escola e com os conhecimentos em diferentes momentos. (CATANI, BUENO E SOUSA, 2000, p. 152).

O processo de escolarização em escolas rurais multisseriadas, um dos eixos emergidos neste trabalho de investigação-formação, explicita as “formas tácitas e discursivas construídas no cotidiano escolar sobre a prática docente, seja em relação à organização das aulas, ao controle didático e disciplinar, às técnicas pedagógicas e avaliativas [...]” (SOUZA, p. 123, 2006).

Dessa forma, ao tomar como referências as narrativas das estudantes, egressas de escolas multisseriadas rurais, reflexões sobre as “aprendizagens experienciais” e sobre “as

aprendizagens formadoras”, adquiridas por essas estudantes foram potencializadas nas rodas de conversas, considerando, no bojo dessas reflexões, questões referentes às proposições didáticas e pedagógicas, à relação com os professores, à superação das dificuldades encontradas no processo de aprendizagem, às amizades estabelecidas decorrentes no tempo escolar e às mudanças subjetivas ocorridas nesta caminhada de escolarização. Contudo, é importante ressaltar, que por conta de outras demandas vinculadas às discussões sobre infâncias e Educação Infantil, não foi possível ampliar o debate sobre a Educação infantil no contexto rural e em classes multisseriadas.

Considerando a realidade dessas estudantes, torna-se emergente, nos cursos de Pedagogia, oferecidos por essa instituição formadora de professores para Educação Infantil e de séries iniciais do Ensino Fundamental, uma discussão mais sistematizada sobre a educação das crianças que vivem em diferentes localidades rurais, como também uma maior ampliação das experiências docentes das licenciandas em escolas rurais, considerando, a especificidade da multisseriação fortemente existente/resistente nos municípios baianos.

Tecendo algumas considerações

Os relatos sobre as infâncias vividas pelas estudantes do curso de Pedagogia, socializadas no componente curricular Pesquisa e Estágio II - Educação Infantil, oferecido na UNEB, suscitaram discussões concernentes às infâncias e a Educação Infantil.

As experiências vivenciadas, pela maioria das estudantes partícipes desse processo de investigação-formação, em escolas infantis multisseriadas no Território do Sisal – Bahia promoveram discussões pertinentes sobre as infâncias e a Educação Infantil, considerando as especificidades dessa modalidade de educação, ainda muito presente no referido território, e suscitaram reflexões relacionadas à formação docente, que muitas vezes está pautada nos cânones modernos sobre a infância, desconsiderando os diferentes contextos socioculturais em que as crianças estão inseridas.

A abordagem (auto)biográfica, adotada na etapa inicial desse trabalho, converge com a perspectiva de desenvolver um processo de formação docente que considere, em seu bojo, os saberes dos/as professores/as, buscando apreender os sentidos e representações das aprendizagens experienciais em suas trajetórias de vida-formação, em especial nesse trabalho, as adquiridas como estudantes de classes multisseriadas, em escolas rurais localizadas nos municípios de Serrinha, Teofilândia, Tucano e Araci.

As discussões empreendidas nas rodas de conversas propõem pensar sobre as infâncias e sobre a Educação Infantil nas diferentes localidades rurais, a partir das próprias experiências dos sujeitos envolvidos e de leituras vinculadas a essa temática, problematizando, no desenvolvimento dessa proposta de trabalho formativo, as representações de infância instituídas pelo pensamento moderno, ainda vigente em algumas práticas educativas destinadas aos/às menino/as pequenos/as de escolas multisseriadas.

Reconhecer as diferentes infâncias, em especial as existentes nas diversas ruralidades no Território do Sisal, representa uma ressignificação no processo de formação docente e, conseqüentemente, uma reestruturação das práticas pedagógicas destinadas às crianças rurais. Ao considerarmos o contexto sociocultural no processo educacional em que essas crianças estão inseridas, estamos oportunizando que elas, de fato, exerçam a sua cidadania e se posicionem diante da sua realidade, podendo, assim, apresentar relevantes pistas para solucionar os problemas presentes em seu cotidiano e nos espaços das escolas rurais multisseriadas, em direção a uma educação respaldada nos princípios da alteridade e diversidade.

Esta exposição buscou suscitar reflexões sobre as infâncias, presentes nas localidades rurais e sobre a educação infantil em classes multisseriadas, a partir das narrativas das professoras em formação, que viveram suas infâncias em contextos rurais e tiveram aprendizagens experienciais em suas trajetórias de escolarização em escolas rurais multisseriadas.

As narrativas infantis das estudantes de Pedagogia tiveram lugar importante neste processo de formação, pois através dos seus dizeres, foi possível conhecer as diferentes infâncias pertencentes às diversas ruralidades existentes no Brasil, especificamente, no Território do Sisal. Sendo assim, essas narrativas se configuraram como importante

dispositivo para tecer reflexões a Educação Infantil de qualidade, contextualizada com as expectativas dos sujeitos envolvidos: crianças, famílias e comunidades.

Para a docente do componente Pesquisa e Estágio II – Educação Infantil, essa experiência ratificou a importância dos estudos socioculturais sobre as crianças, reconhecendo a importância dessa base epistemológica para a construção de um currículo de formação e de uma prática pedagógica mais crítica, coesa e investigativa, tomando como referências a realidade das estudantes, concernentes às suas experiências formativas e de atuação profissional. Nesse sentido, é nevrálgico ampliar o debate, no componente de estágio sobre questões referentes ao contexto local de cada curso, às demandas dos estudantes e das escolas parceiras, a fim de favorecer uma formação docente significativa e contextualizada à realidade apresentada.

Esse trabalho também se configurou como uma relevante oportunidade para se aproximar do contexto empírico da pesquisa intitulada: *Narrativas de crianças de educação infantil de escolas rurais multisseriadas do Território do Sisal – BA*, que encontra-se em fase exploratória, vinculada ao projeto de pesquisa *Multisseriação e trabalho docente: diferenças, cotidiano escolar e ritos de passagem*, financiada pela FAPESB e pelo CNPq, coordenada pelo Grupo de Pesquisa (Auto)biográfica, Formação e História Oral (GRAFHO), no âmbito do curso de Doutorado desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da UNEB.

Espera-se que os estudos desenvolvidos nos cursos de graduação e pós-graduação, que apresentem como temática a educação infantil rural, promovam fecundas discussões sobre os problemas educacionais que configuram as diversas ruralidades, possibilitando-nos pensar e defender uma educação rural de qualidade que respeite a diversidade e a alteridade dos sujeitos e das comunidades rurais.

Referências

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Escola Infantil: Pra que te quero? In: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. (Org.). **Educação Infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 13-22.

CATANI, Denice Bárbara; BUENO, Belmira Oliveira; SOUSA; Cynthia Pereira de. **O amor dos começos**. Por uma história das relações com a escola. Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, n. 111, p. 151-171, 2000.

COÊLHO, Patrícia Júlia Souza. **Trajetórias e narrativas de professoras de Educação Infantil do meio rural de Itaberaba-BA: formação e práticas educativas**. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade). Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2010.

HAGE, Salomão Mufarrej. Classes Multisseriadas: desafios da educação rural no Estado do Pará/Região Amazônica. In: HAGE, Salomão Mufarrej (Org.). **Educação do Campo na Amazônia: Retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará**. Belém: Gráfica e Editora Gutenberg Ltda, 2005.

KRAMER, Sônia. **A política do pré-escolar: a arte do disfarce**. São Paulo: Cortez, 2003a.

LIMA JR. Arnaud S. Educação e Contemporaneidade, Dídima Maria M.(Orgs). **Educação e Contemporaneidade: contextos e singularidades**, vol. 2. Curitiba, CRV, cap. 1 (no prelo).

MOURA, Terciana Vidal e SANTOS, Fábio Josué dos. A pedagogia das classes multisseriadas: um olhar sobre a prática pedagógicados/as professores/as da roça do município de Amargosa/BA. In: SOUZA, Elizeu Clementino de, (Org). **Educação e**

ruralidades: Memórias e narrativas (auto)biográficas. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 265-293.

SILVA, Isabel de Oliveira e; SILVA, Ana Paula Soares da; MARTINS, Aracy Alves. Introdução: Infâncias no e do campo: como as crianças vivem, brincam, estudam e compartilham experiências? In: SILVA, Isabel de Oliveira e; SILVA, Ana Paula Soares da; MARTINS, Aracy Alves (Orgs). **Infâncias do campo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p.13-22.

SODRÉ, Liana Gonçalves Ponte. Criança: a determinação histórica de um cidadão excluído. **Revista da FAEBA**, Salvador: UNEB, vol. 11/n. 17, jan/jun 2002, p. 65-72.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Apresentação. A caminho da roça: olhares, implicações e partilhas. In: SOUZA, Elizeu Clementino de, (Org). **Educação e ruralidades:** Memórias e narrativas (auto)biográficas. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 17-28.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si:** Estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006.

ZABALZA, Miguel. **Qualidade em educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.